



## Mundo-empresa

Rosimeri Carvalho da Silva

Comédia não é o meu gênero favorito, mas teimei em assistir “O Lobo de Wall Street”. Este filme, como classifica o IMDb, é uma comédia. Eu tenho uma grande dificuldade para rir em comédias, e sempre saio do cinema sentindo aquela estranha sensação de inadequação.

Ontem, isto foi mais forte. Qual é a graça em ver um bando de loucos vendendo ações de empresas que não existem para trabalhadores que dão duro para economizar um pouco? E porque é engraçado ver um bando de irresponsáveis enchendo a cara com todas as drogas que seu dinheiro permita, a ponto de se arrastarem como vermes (que, de fato, são)? Qual é a graça em ver um bando de bandidos infringindo a lei sem qualquer temor? Eu não consegui rir disso. E pior, saí do filme com medo. Caso meu filho o assistisse, se sentiria atraído por tudo isto? E meus alunos, perceberiam a ironia usada pelo diretor para tratar de algo tão presente em nossas sociedades ou seria este o seu sonho escondido?

Achei o filme muito bom, se é que posso avaliar algo feito pelo Scorsese! O filme é bom em evidenciar a crueza com que o personagem principal defende, frente à sua equipe, que o cliente não interessa e que pode ser escancaradamente lesado. Mais do que isso, ele deve ser lesado, pois é disto que resulta o dinheiro que embolsam aos borbotões. O egoísmo e o individualismo são colocados no seu grau máximo. Um bom filme para discutir com os alunos as relações reais entre empresas e consumidores, bem como o verdadeiro poder do mercado financeiro. Será? Resolvi tentar responder a esta questão lendo alguns comentários postados na internet. E encontrei a passagem abaixo, nos comentários de um site sobre cinema:

No caso, não é como se o roteiro ou a direção do filme estivessem vendendo esse estilo de vida. O filme é uma crítica (tanto que é comédia), e é vendido como crítica. Porém, como o filme é extremamente irônico, o personagem muitas vezes conversa com o telespectador para entrarmos na visão dele, na perspectiva do mundo que ele tem. Para se vender. Tanto é que as coisas são mostradas do jeito que ele enxerga (a Ferrari muda de cor, o acidente de que ele não se lembrava, etc.).

Inclusive, ele terminou como palestrante, como motivador das pessoas: agora vendendo a sua imagem e suas ideias sobre economia pessoal. Eu achei extremamente irônico isso, e principalmente o filme terminar com

aquelas caras de pessoas ávidas, com o rosto meio assustado/impressionado. Expressão facial que considero que muitos ficaram durante o filme. (<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127524/criticas-adorocinema/>).

De certa forma isto foi animador, sobretudo porque a comentadora percebeu a ironia de o personagem principal terminar o filme como palestrante (um agradecimento pessoal ao Scorsese por isto!). Mas, na continuação da leitura do comentário:

Isso porque filmes são feitos para uma demanda, isso é claro. Portanto, devem tocar algum ponto forte da cultura de um povo para "fazer sucesso". E nossa cultura valoriza o dinheiro e há o eterno sonho do enriquecimento fácil. Por isso acho que, por mais que o filme seja crítico, haverá muitas pessoas que ficarão encantadas com aquilo tudo, com aquela vida sem regras, com possibilidades infinitas.

Isso é errado? Não, de forma alguma. Compra quem quiser, é só uma questão de oferta e demanda.

(<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-127524/criticas-adorocinema/>).

Há muitos outros comentários que entendem a crítica do filme e partilham dela, mas não achei qualquer outro que a mostrasse tão claramente quanto este, o que abordamos em uma sala de aula, no curso de Administração. Apesar da grande inteligência dos alunos lhes permitir perceber as relações que se estabelecem no mundo capitalista, a força da ideologia deste mesmo sistema capitalista os leva a justificar, defender, naturalizar. "Compra quem quer", "o desenvolvimento da tecnologia é natural", "mas as empresas proporcionam empregos", "mas há todos os programas de responsabilidade social", são algumas das frases que ouvimos para justificar o capitalismo e a empresa. E ainda há outra, mais grave: "Não podemos voltar na história". E isto significa: "Ou continuamos, ou voltamos à Idade da Pedra!"

Esta última parece ser ainda mais grave do que aquelas, porque as primeiras são tentativas desesperadas de justificar o mundo no qual se vive. Já a segunda, no entanto, é a mostra do fechamento, em um só mundo, de toda a perspectiva destes jovens. Um "outro mundo" só é visto no passado, não há outro mundo a não ser este. Na visão do sociólogo francês Andreu Solé, nós somos construtores de mundo. E, é bom que seja dito, o mundo que construímos, coletivamente, é um conjunto de possíveis e impossíveis. À medida que os jovens que temos em sala de aula só veem outro mundo no passado, se encarceram neste que temos agora. Encarcerados no mundo que conseguimos construir até agora – pois, em sua visão, passa a ser impossível existir outro mundo que não seja este – eles já não se preocupam em lutar contra os velhos que nós somos para nos dizer que tipo de "outro mundo" querem. Nos cursos de Administração, isto parece ser muito forte. Mas claro, não só neles.

Se seguirmos examinando o que diz Solé, veremos que, para ele, pela primeira vez na história da humanidade, um mundo, o nosso mundo, o mundo-empresa, se impõe a todo o planeta. Tentar se impor seria mais justo, pois há povos lutando bravamente contra isto. Este mundo é caracterizado pela empresa, o que significa que é organizado por ela e para ela. E isto, evidentemente, só pode acontecer com o desenvolvimento do capitalismo. É um mundo no qual a esfera econômica se autonomizou das demais e sobre elas

se elevou, subordinando-as e estimulando o individualismo e relações egoístas, baseadas na troca monetária de mercadorias. Sintetizando esta ideia, a melhor frase ainda me parece ser a de Smith: "Não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse" .

Nesse "mundo", ao contrário de em muitos outros, somos levados a crer que vivemos em um mundo de escassez, de recursos raros. Diferentemente dos povos arcaicos, que desejavam pouco e, portanto, viam o mundo como abundante, nós desejamos muito e parece não haver no mundo o suficiente para responder aos nossos anseios. Esta visão da escassez, a "construção social da escassez", segundo Solé e Abraham, legitima e justifica a predominância da esfera econômica e instiga relações competitivas. Como diz o velho provérbio popular: "A farinha é pouca, meu pirão primeiro!" Nessas relações, a propriedade das mercadorias é a questão fundamental. Nós, ao contrário de alguns dos grupos arcaicos, nos comprazemos em possuir. A propriedade privada dos meios de produção é o traço fundamental que emerge e implica relações de trabalho caracterizadas pelo assalariamento. Somos, embora nem todos, empregados de estruturas empresariais nas quais a organização do trabalho é racional. E isto significa, na perspectiva weberiana, que o trabalho é organizado pela observação a regras impostas, em uma relação de dominação, guiadas por critérios de eficiência. Relações impessoais, mediadas sobretudo pelo dinheiro. Tudo isto regado por uma crença inexorável no progresso, no crescimento e na atenção para a "palavra da vez" na Administração, que é a Inovação!

Isto pode significar o encantamento de meus alunos com o personagem de DiCaprio, fazendo palestras de motivação nas quais pede à plateia que lhe venda uma caneta! Ou pior, pode significar que eles caracterizarão o "modelo de negócio" – vender ações de empresas sem qualquer futuro, no varejo, a pessoas pobres, como um modelo inovador.

Pode-se acusar os nossos alunos (de algo grave) ou apenas dizer que eles carregam uma maneira diferente de olhar o mundo?

E agora, em termos bem locais, o que dizem a mídia e, igualmente, a empresa, a respeito das manifestações dos jovens, indignados com a privatização da cidade de Porto Alegre? Que são vândalos que destruíram o símbolo da copa. Mas não se diz que os jovens estavam lá protestando contra a privatização da cidade e a entrega de um dos largos mais simbólicos de Porto Alegre aos cuidados de uma empresa. E também não se diz que, na verdade, o tal símbolo, no final das contas, não havia sido destruído, mas apenas desinflado. Que gentis, estes vândalos, não? E os mesmos veículos de comunicação não esclarecem que o símbolo foi colocado no largo pela empresa à qual o mesmo foi entregue e que a fúria dos manifestantes se explica, sobretudo, porque os jovens se batiam é contra esta empresa. Também não comentam o fato de a polícia ter protegido um boneco de plástico e agredido gente de carne e osso (claro, sabemos que, naquele momento, o boneco de plástico era o símbolo da empresa).

A empresa é defendida com fervor pela mídia. E isto aparece em muitas de suas expressões. Por exemplo, quando defende a especulação imobiliária contra o Plano Diretor que limita a altura dos prédios. Ou quando defende as empresas de ônibus, sem questionar se estas priorizam seus ganhos em

detrimento do direito de ir e vir da população.

Não é esta a mesma posição de tantos outros grupos? "Consumam...", disse o presidente negro; "Consumam...", disse o presidente operário; "Consumam...", disse a presidente mulher. "Atendam aos desejos de preenchimento das planilhas de encomendas das empresas e tudo irá bem..." "Trabalhem mais e ganhem mais, para consumir mais e ter que trabalhar mais para ganhar ainda mais, para poder consumir ainda mais, então, ganhem ainda mais e consumam cada vez mais do que antes..."

Parece-me fundamental mostrar aos nossos jovens as consequências e os limites deste mundo-empresa. No Canadá, existe um grupo que se intitula *Objecteurs de Croissance*, ou, em tradução livre, *Objetores do Crescimento*, que evidencia as razões para fazer objeção ao crescimento. Segundo Yves-Marie Abraham, integrante do movimento, o crescimento é:

Esgotante – o crescimento esgota antes de mais nada a biosfera, retirando dela o que é necessário para a produção de mercadorias e, em retorno, saturando-a de dejetos. De suas análises, eles concluem que, em um mundo finito, é impossível ocorrer um crescimento infinito. Mas ele é também esgotante para a sociedade, uma vez que joga todos contra todos e, dessa forma, ameaça a coesão social. Este crescimento descontrolado também é esgotante para cada um de nós, na medida em que necessitamos produzir mercadorias sem cessar ou vender a nós mesmos como mercadorias, sob pena de perdermos nossos meios de existência.

Injusto – esta corrida pela produção de mercadorias é desigual e tende a favorecer uma minoria, em detrimento da maioria. E este mesmo crescimento também é injusto contra as gerações futuras, pois fragilizamos sua condição de existência. E, finalmente, é injusto contra os seres não-humanos, flora e sobretudo fauna, cuja possibilidade de existência não para de ser reduzida.

Alienante – o crescimento nos aliena porque nos impede que sejamos nós mesmos, que realizemos plenamente nossa humanidade e que exerçamos toda a nossa liberdade. Porque ele é fundado no progresso tecnocientífico. E, portanto, nos torna cada vez mais dependentes da técnica... Esta corrida, que se chama capitalismo, se impõe a todos, ganhadores e perdedores, incluindo o "malvado" capitalista, pois também este deve estar sempre correndo, sob o risco de desaparecer, caso parasse no meio da corrida. Estamos todos submetidos a esta "lei do valor" pois, caso contrário, não teríamos acesso ao que é convencionado como "existência social".

Nossos jovens parecem não ver a possível existência de um "outro mundo", mesmo quando percebem e concordam com as críticas que muitos levantam quanto ao mundo que construímos. De fato, parece não haver, como gostaríamos e esperaríamos, um projeto de mundo sem empresas, sem um crescimento destruidor do planeta. Ninguém nos acena com uma utopia mobilizadora. Como assinala Solé, bem sabemos que opções inovadoras, interessantes e importantes como os sistemas de trocas locais, comércio justo, economia social solidária e desenvolvimento sustentável não constituem, de modo algum, uma alternativa viável ao mundo atual. Mas, é bom ponderar com Solé, que afirmou:

Nós somos prisioneiros e livres. Prisioneiros de nossos "possíveis" e "impossíveis" do momento. Livres, porque, a todo momento, sem plano, sem

estratégia, sem modelo, sem projeto, somos capazes de criar outros possíveis e impossíveis. Tão surpreendentes, tão loucos quanto nos parecem hoje os Astecas. O homem é, para o melhor e para o pior, um animal criador de mundo. Agora, mesmo que nos pareça tão forte e tão insuperável, nosso mundo já está superado. Não é porque os homens não vejam e não sintam o mundo que substituirá este, no qual se sentem presos, que este "novo mundo" está longe.